



Discurso Martinho Braga

A Abrasco nasceu em Brasília, exatamente há 40 anos. Eu também sou brasiliense, mas sou mais velho, só um pouquinho mais velho...

Somos brasilienses, eu e a minha, a nossa, Associação.

Iguais e diferentes, a ABRASCO e eu.

Iguais e diferentes, eu e vocês, nós que viemos participar da comemoração dos 40 anos desta associação, justamente num Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, outra feliz coincidência!

Iguais e diferentes, as Ciências Sociais e as Ciências Humanas, as Ciências Sociais e Humanas em Saúde e a Saúde Coletiva.

Iguais, todas são elas são saberes e práticas em defesa da vida; diferentes, já que mantêm distintas relações com a vida social. Em nome da preservação da vida, do prolongamento dela também, nossos saberes e práticas geram muita alegria, muita tristeza também.

Morte e vida, prazer e sofrimento, normalidade e patologia, sabemos o quanto colaboramos todos os dias para fortalecer essas fronteiras, para enfraquecê-las também. Produzimos conhecimentos e cuidados ao mesmo tempo, do mesmo modo que ciência e política.

Iguais e diferentes, as Ciências Sociais e Humanas em Saúde, a Epidemiologia e a Política, Planejamento e Gestão.

Iguais, já que todas compõe a Saúde Coletiva; diferentes, pois contribuíram para que a própria Saúde Coletiva se tornasse possível enquanto área de conhecimento de modo distinto.

Além disso, elas contribuíram para que a Saúde Coletiva se consolidasse enquanto tal em momentos variados. “Iguais e diferentes e irmãos...”, como na conhecida música do Gonzaguinha [Cavaleiro Solitário, homenagem ao Profeta Gentileza, da década de 1990].

Numa única palavra, gostaria de falar de cada etapa dessa experiência de organizar um congresso que também é uma comemoração.



O produto é pluri-regional, sem dúvida.

O processo é coletivo, mas há controvérsias.

A estrutura é comprometida, no duplo sentido do termo.

Esses duplos sentidos já fazem parte dos nossos congressos, como a expressão adversidade / diversidade no tema do último ciências sociais, o 7º, em 2016 na capital de Mato Grosso, Cuiabá: “Pensamento crítico, emancipação e alteridade: agir em saúde na (ad)diversidade”.

Esse duplo sentido foi inspirador para outros eventos científicos, pois teremos em breve a 6ª Reunião Equatorial de Antropologia, em dezembro, cujo tema é exatamente “Diversidades, adversidades, resistências”.

Voltando pra 2016, vivíamos um contexto adverso, nossa estrutura estava comprometida: sem apoio do Ministério da Saúde, justamente por conta do repúdio ao golpe. (O golpe, lembram? O mesmo referido pelo Temer dia desses)

Aliás, duplamente comprometida: pois com menos financiamento e assim precária, ao mesmo tempo com mais convicção de seu compromisso político e assim renovada.

Vale dizer que permanecemos sem qualquer financiamento do Ministério da Saúde nessa edição do Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde.

Nossa receita é oriunda principalmente das inscrições, sendo que aproveito para agradecer em muito nossos apoiadores e, principalmente, vocês, inscritos nesse Congresso, vocês, mais de 2 mil pessoas reunidas aqui em João Pessoa.

Se nossa estrutura é comprometida no duplo sentido do termo, nosso produto é a pluri-regionalidade.

Apesar da conjuntura política adversa, ou justamente por conta dela, nos colocamos como desafio ampliar a diversidade regional da Comissão de Ciências Sociais e Humanas da ABRASCO em 2016; ou seja, a variedade de regiões do país nas quais nossos integrantes se encontram lotados, a pluralidade de estados da federação nos quais as instituições de ensino superior que indicam representantes para compor nossa Comissão estão localizadas, os associados institucionais.



Num livro de 1995 a professora Ana Maria Canesqui conta que a Comissão se chamava Ciências Sociais em Saúde e a formação contava com 6 representantes de instituições de ensino superior localizadas em 2 regiões do país.

Mais de duas décadas depois, conseguimos, pela primeira vez, uma comissão com representantes de instituições de ensino superior localizadas em todas, todas as 5 regiões do país.

Nos tornamos a única das 3 Comissões da ABRASCO com representantes de instituições de ensino superior de todas as regiões do país.

Essa foi uma de nossas conquistas ao enfrentar as iniquidades em ciência e tecnologia no Brasil.

29 associados institucionais indicaram representantes para compor a nossa Comissão na última gestão e a imensa maioria dos 29 GTs desse congresso também é coordenada por pessoas que se encontram em mais de uma região do país, nossos GTs são pluri-regionais.

Singularidade da nossa Comissão, peculiaridade do nosso Congresso, uma conquista das CSHS! Isso não se faz sozinho. Coerência entre ideias e atos. Coerência entre pensamento e ação. Isso é fruto de uma ação coletiva.

De um coletivo em movimento. Coletivos em movimento para ser mais preciso. Pessoas em relação. Agradeço profundamente as e os integrantes da Comissão Científica desse Congresso por essa conquista, nossa conquista, bem como as e os integrantes da Comissão de CSHS e principalmente as coordenadoras e os coordenadores do GTs, que enviaram suas propostas para nós avaliarmos, que apostaram no nosso 8º CBCSHS.

Igualdade, não desigualdade!

Diferença, não indiferença!

Se nossa estrutura é comprometida no duplo sentido do termo, se nosso produto é a pluri-regionalidade, nosso processo é coletivo. Entretanto, como disse antes, há controvérsias...



Nosso processo decisório buscou sempre valorizar a igualdade e ampliar a diversidade.

Nos reunimos dezenas de vezes, comissões científica e organizadora, junto com a comissão local fizemos reuniões mistas, presenciais e virtuais ao mesmo tempo, além daquelas com integrantes de movimentos sociais e coordenadores de GTs.

A construção do congresso foi coletiva?

Esse congresso é fruto do encontro entre saúde e educação, bem representado pelo grupo de pesquisa Educação Popular em Saúde da UFPB, no acolhimento que seus integrantes deram desde o início à ABRASCO e sua Comissão de Ciências Sociais e Humanas em Saúde.

Iguais e diferentes, com vocês me convenci da importância do processo tanto quanto do produto. Diferentes e iguais, aprendi que a construção compartilhada é tão relevante quanto a coletiva, pois não se trata apenas de diversificar os saberes, como também dialogar com aqueles cujos porta-vozes não são exclusivamente os professores-pesquisadores-doutores.

Como vocês podem notar na programação contamos com a presença de integrantes de movimentos sociais e estudantes, não só profissionais de saúde, pesquisadores e professores.

Além disso, integrantes de movimentos sociais e estudantes ocupam a coordenação de alguns dos 29 GTs. Sem falar na participação de movimentos sociais na Comissão Científica.

Ou seja, esses novos protagonistas participam do próprio processo de elaboração da nossa programação, do processo decisório acerca do que vai constar na programação, dos critérios de avaliação acerca daquilo que será apresentado inclusive.

Somos diferentes sim, temos visões diferentes sobre produção de conhecimento. Também somos iguais, podemos escolher juntos e de modo horizontal o conhecimento que será divulgado em nossos eventos ao mesmo tempo científicos e políticos, como a própria área de saúde coletiva.

Em CSHS, somos iguais nas diferenças. Acreditamos na participação social, materializamos ela em nossos GTs, comissão organizadora, científica e local do 8º CBCSHS, sabendo da importância de exercê-la e não apenas recomendá-la no SUS, ainda mais no cenário político contemporâneo.



Agradeço imensamente o protagonismo de vocês, a disponibilidade ímpar para o trabalho em equipe! Muitas outras pessoas colaboraram para que estivéssemos hoje nessa abertura.

Como fiz anteriormente nos espaços virtuais dos quais participamos ao longo desses anos, peço a compreensão de todas e todos, assim como a paciência!

Gostaria de lembrar que a diretoria e secretaria executiva da ABRASCO colaboraram para nosso bem viver, enquanto o núcleo de coordenação da CCSHS da ABRASCO e o conjunto dela incluíram o SUS no tema do nosso Congresso, sendo que materializamos a igualdade nas diferenças em cada um de nossos debates.

Do mesmo modo como Eymard sugeriu que nosso tema abordasse a construção compartilhada, Leny recomendou que incluíssemos igualdade nas diferenças nele, Inara o fez com o bem viver e Suely com os enfrentamentos, levando em conta conceitos de autores como Charles Taylor, Eduardo Stotz e Alberto Acosta, bem como políticas como a de prevenção da violência e promoção da cultura de paz, tão relevantes nesse momento político em que estamos vivendo.

Agradecendo a vocês, estou a agradecendo a cada um dos colaboradores e construtores desse congresso, de Leny a Suely, de Roseni a Reni, e tantas outras pessoas que tornaram ele possível e que não seria possível citar aqui uma a uma.

Destaco especialmente a Roberta da secretaria da ABRASCO, acompanhando e assim viabilizando nossas reuniões virtuais.

Inclusive, as pessoas se encontram cada vez mais nos espaços virtuais, não é mesmo, sejam elas reuniões ou não. Se encontram para se informar acerca daquilo que não presenciaram, desde um pôr-do-sol em uma cidade do mesmo país até uma catástrofe ambiental do outro lado do planeta – ou o inverso disso.

As pessoas cada vez mais recorrem a esses espaços. Indivíduos e coletivos ampliam seus contatos por meio dessas redes ‘sem fio’, conhecendo formas singulares de existência no mundo, algumas vezes diferentes daquelas com as quais convivem em suas casas, meios de transporte, bares e escritórios.

O território no qual grande parte de nós habita é cercado de surpresas, reveladoras de uma diversidade cultural marcante, também de uma desigualdade social chocante. Essa convivência nos espaços, redes e territórios aponta para situações de acolhimento e enfrentamento, contentamento e sofrimento, por vezes vivenciados de maneira concomitante.



Nem sempre os conhecimentos disponíveis são sensíveis para abordar essas coincidências, menos ainda para elaborar saberes e práticas em conjunto. Um dos desafios que o 8º CBCSHS se coloca diz respeito justamente a esses encontros e desencontros entre os seres humanos nos espaços, redes e territórios, à igualdade nas diferenças.

Povos e línguas, costumes e cores, habilidades e ideários variados explicitam nossa heterogeneidade, do mesmo modo que nossos valores e crenças podem se tornar hegemônicos e assim conformar certa homogeneidade.

De todo modo, a emergência de uma multiplicidade de identidades étnicas, sexuais e políticas – entre outras – na passagem entre os séculos 20 e 21 indica a relevância de tomar ativistas e outros agentes como interlocutores em nossos estudos, ‘com’ e não apenas ‘sobre’ aqueles que experimentam situações que não são comumente consideradas como fazendo parte da existência de todos.

Eis mais um dos elementos que compõe o tema do Congresso: a construção compartilhada do bem viver.

Esses conceitos compõe o tema do nosso Congresso com a finalidade de ressaltar um posicionamento ao mesmo tempo epistemológico, político e metodológico: construir “com” e não apenas “para” ou “sobre” a população.

Como falar de igualdade nas diferenças, da complementariedade entre dignidade e autenticidade, universalidade e particularidade?

O oitavo CBCSHS vai além de uma comemoração, apontando para enfrentamentos também, daí seu tema: 'Igualdade nas diferenças: enfrentamentos na construção compartilhada do bem viver e o SUS'.



Enfrentamentos, não combates. Se hoje comemoraremos os 40 anos da ABRASCO, amanhã caminharemos em direção à Praça da Paz para realizar um ato público, em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade.

Ultrapassaremos o muro da universidade, em uma universidade acostumada com isso, dada a notoriedade de suas atividades de extensão.

A extensão popular, marca da UFPB, encarnada no já mencionado grupo de Educação Popular em Saúde, faz desse conjunto de pessoas engajadas na construção compartilhada do bem viver verdadeiros agentes de transformação, seja do SUS, seja da Saúde Coletiva, seja das CSHS.

Após o ato público, após comemorações e enfrentamentos, após o dia de hoje e o dia de amanhã, 27 e 28 de setembro de 2019, teremos a oportunidades de abordar o bem viver em mesas-redondas, debates emergentes, rodas de conversa e outras atividades.

O bem viver não é sinônimo de bem-estar, de viver melhor ou qualquer outra noção que remete à sociedade de consumo vigente.

Diz respeito à suficiência, mais do que eficiência, apontando em uma convivência em comunidade e com a diversidade.

Propostas e não só pesquisas estão em nosso horizonte, de maneira que nossos enfrentamentos na construção compartilhada do bem viver e nossa afirmação da igualdade nas diferenças contribuam para a proteção do direito à saúde, para a preservação do SUS.

O nosso último dia de Congresso contará com uma plenária, reunindo o conjunto de propostas apresentadas nos 29 GTs do congresso.

Conto com a presença de vocês em todas as etapas desse congresso, da comemoração até a plenária, comprometidos, no duplo sentido do termo, seguindo em frente com nossas forças e unindo forças ao mesmo tempo, academia, serviço e militância.

Já ultrapassei os 20 minutos? Tenho mais 1 minutinho? Então, finalizando, eu ouvi dizer que nós das humanas, nós das CSHS, temos mais críticas do que propostas. Será?

Eu espero todos vocês na plenária final, na tarde da segunda-feira, para falar de propostas!